

P A U L O ALVARES L O B O

patrono da Cadeira nº 29 da
ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS.

Elogio literário por

CELSO MARIA DE MELLO PUPO.

Feito em 26 de julho de 1957 nos salões e
Centro de Ciências, Letras e Artes. --

CAMPINAS

Exmo. Sr. Presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes

Exmos. Srs. Representantes das Entidades de Campinas
Exmas. Senhoras e Senhores

Exmo. Snr. Presidente da Academia Campinense de Letras
Exmos. Srs. Acadêmicos.

No gozo da graça que me concedeis, de ser ouvido na mais alta corte literária de nossa terra, amedrontado e vacilante, entre a consciência da responsabilidade e do risco e o desejo de alcançar mais uma remissão para os meus dizeres incertos e para o meu tar tamudear nas letras, peço-vos que considereis o meu embaraço que mais cresce e mais me envolve diante da excelsa figura de Paulo Lobo, meu patrono sublimado pela fé, pelo caráter e por brilhante e destro talento. Esti vesse em meu lugar, como ele um esteta da beleza e do arrebatamento da sua palavra, da precisão, da transparência, da sonoridade das suas letras e da profundidade do seu conhecimento jurídico, para com maestria apresen tar-vos o jornalista, o advogado, o mestre da oratória, o aristocrata do espírito que por muitos anos distri buiu, generoso, as riquezas da sua inteligência, e não estáreis vós a merce do meu carpintear literário.

Valho-me do mimo de vossa bondade.

*** -- ***

Si o jornalista é aquele arauto do bem e da beleza, o entusiasta da publicidade honesta que leva ao recôndito dos lares a verdade benfazeja, o aplauso merecido, o medir com justiça, onoticiar de sa - dios folgares, o ensinar com sabedoria, o aprimorar das letras e a pureza da língua, esse era Paulo Lobo que desde os tempos colegiais alçou os cumes da primazia, a - dejando além dos seus pares, num pontificado do inte - lecto. Polígrafo, no jornalismo, seguro na venaculidade de um clássico, tanto escrevia da galanteria graciosa do social convívio da época, como da política e da administração, como dos cânones da ciência econômica, co - mo dos fulgores das tardes lindas de Campinas ou dos li - riais anjinhos da Senhora da Conceição nos esplendores

da fé cristã da gente campinense. O brilho de sua pena fulgurou sempre: no romance da sua mocidade, no embate das suas polêmicas, justo, rijo, intrépido; altaneiro e vivaz, amoravel e poeta, distribuía a sonoridade de um descrever bucólico, poetava na sua prosa sobre as grandezas da terra, aférvorava corações com os eflúvios de místico falar das coisas do céu; e vergastava a impostura, sempre nas alturas da sua dignidade, como si o senso da nobreza lhe molhasse a pena em cada pensamento. Quando de mister um corretivo, bramia impávido e irresistível, o látigo, desmascarando a calúnia e ironizando o que se adornava de mentiras. Polemista dos mais destros, agil e vibrante, dispunha de imensos recursos para esgrimir vantajosamente, sem falar rasteiro, levando a palma pela solidez do argumento ou pela dureza da sua verdade.

Para que não oiçamos só o meu dizer, demos a palavra a um dos seus companheiros de redação, o poeta e jornalista Vitor Caruso, preciosa testemunha na palestra que fez ha dois anos na Associação Campineira de Imprensa:

"Paulo era uma creatura adoravel.

Sempre de bom humor, tinha uma alegria contagiante. Advogado dos mais conspícuos embora, era na imprensa o seu lugar. A arte da oratória o destacou, nesta terra que conheceu o grande Cesar Bierrenbach. Pode-se dizer que nascera para as lutas e as emoções da imprensa. Na "A Cidade" escrevia as suas crônicas e os artigos de fundo que segundo as praxes de então - abriam obrigatòriamente o jornal. E era admiravel a facilidade em que produzia, sob a assinatura de "Nunzio Naso" e "Buon Giorno". As vezes, com preguiça de escrever, ditava. E era eu quem apanhava o artigo. Ditava-o dum fôlego; e, no fim, o relia e nenhuma corrigenda lhe introduzia. Nas notas, ou notícias importantes que redigia, ficava a marca do seu estilo inconfundível. Era outro perfeito conhecedor da língua portugûesa. Lia muito os clássicos e o que escrevia tinha um cunho de Ma -

"nuel Bernardes". "Dele direi mais, que ninguem o excedeu, ainda, como cronista, como comentador do fato diário".

Da sua época, era o amigo e grande caráter Durval Ferrão, recentemente falecido. Também escreveu sobre Paulo Lobo, em periódico jocoso do ano de 1912, para nos deixar relato jovial num perfil preciso que assim se encerrava:

"Seu estilo corrente, agradável, puro, à Vieira, tem um cunho original que a observação e o estudo conseguiram firmar, deleitando a quem le seus artigos e ouve seus discursos, pois, é ele ainda um dos melhores e mais reputados oradores de Campinas".

Realmente, orador espontâneo e eloquentíssimo, seu falar era o ribombo de gigantes águas despehadas do alto, claras, cristalinas, borifando as luminárias do seu dizer gracioso e elegante, espraiando-se transparente, com as néveas espumas da sua riqueza vocabular, eletrizando entusiasmos, resplandescentes de inspiração que o fez grande nas lides tribunícias. Mestre consumado, a textura das suas elocuições, grácil, plena de erudição ou veemente e persuasiva, marcava-lhe a consagração alinhando-o na vanguarda dos melhores do seu tempo.

Advogou com proficiência vencendo em pleitos renhidos e dificultosos, tendo sido no civil e na criminalística, um dos nomes mais consagrados. Advogado da mais pura consciência cristã, nunca desmentiu a solidez das suas convicções, como um apóstolo do direito, como defensor dos oprimidos, no desassombro das reivindicações de justiça para os que se acolhiam aos conhecimentos jurídicos do advogado honesto. Em alguns feitos que se destacaram ou pela matéria que envolviam ou pela repercussão no meio social, teve ele campo para exercício talentoso do seu ministério, dentro dos seus princípios religiosos como fez em ação de desquite confirmando o matrimônio na própria "qualidade sacramental", na própria "origem divina"; ilustrou autos de processos que conservam o sa-ber jurídico do hábil advogado e honrou a tribuna do ju-

ri por exceler nela com seus dotes singulares, impressionando pela sua característica prontidão em se utilizar do inesperado, revidando com espírito, acuidade e absoluta segurança, um asserto do adversário. O seu talentoso sobrinho Pelágio Lobo em apreciação sobre trabalhos de advogados, diria mais tarde que o vivíssimo tio era a aquele advogado que lia "um pouco e advinhava o resto".

Na vida turfística teve um destacado lugar; ainda estudante mas já cronista esportivo, dedicou-se ao turfe com singular entusiasmo; conhecedor de todas as particularidades deste esporte, não se satisfazia no deleite do aficionado mas se entregava a grandes trabalhos e realizações que o guindaram a sócio honorário do Jockey Clube de São Paulo. A sobrevivência do Jockey Clube Campineiro, deve-se a Paulo Lobo, sócio, diretor e presidente até em tormentosos dias que ele soube transformar em fase de renascença para poder ele mesmo dizer: "eramos inglórios detentores de ruínas e somos agora senhores do terceiro Hipódromo do país".

Remontando-nos ao século dezessete e estendendo as nossas vistas pela velha Europa, veremos a famosa cidade de Antuérpia agitada em lutas religiosas; seu ativo comércio estagnado, suas emprêsas decadentes, suas riquezas arruinadas e seus filhos expatriando-se em busca de paz em outras terras, em busca de fortuna. A cidade tão cheia de glória, tão marcada pelo esplendor da grandeza que se apagava, pátria de ilustres, pátria de artistas, de pintores que nasceriam com os nomes de Rubens e Van Dyck, decaía do seu brilho; entre os retirantes, Pedro Lelou de Lannoy, fidalgo e soldado, buscou as terras portuguesas no solo colonial do Brasil infante, para ser aqui militar com o alto posto de mestre de campo e capitão-mór governador da capitania do Ceará em agitado período de sua conquista. Foi este flamengo casado com lisboeta, D. Joana Lobo de Albertim, filha de pai também militar, português, da mais alta nobreza da península, vindo ao Brasil a serviço de sua pátria e do seu rei.

Do casal, dois filhos registram os alfarábios, Luiz e Manuel Lobo de Albertim que preferiram aos

apelidos paternos, os maternos, talvez na época, mais brasileiros, de mais lustre, e mais do agrado dos sentimentos coloniais. O Manuel, casado em Olinda, foi pai de um segundo Manuel, batizado aos 6 de julho de 1716 na freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres de Maranguape, quando teve por padrinho o avô paterno flamengo, o mestre de campo, cujo cognome reproduziu em forma de evolução linguística, com os apelidos Lobo de Albertim Lanoia.

Este segundo Manuel deixou as terras do Nordeste para se fixar em Paranaguá, então capitania de São Paulo, onde se casou em 1752 com a Paulista D. Maria Francisca Xavier. Entre os seus filhos, houve o terceiro Manuel, também Lobo de Albertim Lanoia, sacerdote que vigariou a freguezia de Guaratuba, filho cadete, pois o primogênito era o primeiro José Manuel Lobo, nascido na mesma cidade em 1753, homem de negócios e de haveres, alto, loiro como eram todos os Lobos, de olhos pardos, pai de oito filhas e de um filho que foi o segundo José Manuel Lobo. Este mudou-se para Itú e, sendo letrado, ocupou o cargo de escrivão da Ouvidoria; na mesma cidade casou-se em segundas núpcias com D. Teresa Xavier Alves de Lima, paulista de velha cepa, de cujo casamento nasceu o Maestro Elias Alvares Lobo.

O maestro ituano foi compositor de renome, sendo muitos os historiadores que se referem ao seu talento. Na terra natal casou-se com D. Elisa Eufrosina da Costa, de origem mista de recente sangue português, com paulistas de tradição. Foram os pais do meu patrono que também nasceu em Itú, aos 17 de março de 1871.

Desde os seus primeiros anos, a fase risonha da infância, não deixou Paulo Lobo de se revelar o menino vivo, esperto, traquinas de temperamento e de ação mostrando já toda a vitalidade que havia de marcar sua personalidade superior. Acompanhava os maiores, media com eles as peraltagens, intemerato não fugia às mais ou-sadas travessuras dos companheiros mais velhos aos quais se igualava na coragem e na audácia; de uma feita os acompanhou num ataque às frutas saborosas do quintal do Barão de Itaim; galgaram os muros sendo o pequeno Paulo ajudado pelos mais velhos; já se atiravam aos pomos quando os surpreendeu o barão vigilante, desperto por outras

e anteriores disposições comunitárias dos garotos. A debandada foi célere, e em veloz corrida foram transpostos os tapumes da chácara sem que nenhum dos companheiros se lembrasse, em tal pânico, de dar uma ajuda ao pequeno Paulo impossibilitado, sôsinho, de saltar o alto muro livrando-se da perseguição do senhor enfurecido. Seguro por um braço e asperamente interrogado pelo fidalgo sobre a irregular estadia na propriedade, não se amedrontou como era de esperar; deu explicações, fez o seu arrazoado com segurança e espírito numa revelação de futuro e brilhante causídico, transmudando a cólera nobiliárquica em gostosa e burgueza gargalhada, livrando-se do castigo e criando fama pelo caso que era, verdadeiramente, um dos primeiros lampejos do talento de escol que rasgaria uma trajetória de fulgurações.

Seu pai inteiramente dedicado a sua arte, vivia de parcimonioso ganhar, como professor de música, proventos que não acompanhavam os gastos da família cada vez maior, o que levou, ao contar cauteloso os limitados recursos, a procurar Campinas, cidade de mais vastas possibilidades e de grandes fortunas particulares hauridas na cultura cafeeira. Nesta terra que blasonava destacada grandeza, que se avantajava em confronto com a capital da província pela faustosa riqueza de sua gente realizadora audaz, aristocrata do Império e aristocrata do bom gosto e da sensibilidade artística, maiormente distribuiria o maestro professor os acordes de sua arte invejável e melhormente colheria os benefícios do seu trabalho. "Aqui passou Paulo radiosos dias de sua meninice.

Mas, o brincar de uma criança vale como afirmação de suas tendências e disto o nosso menino já nos dava uma afirmação solidíssima, em teimosia irremovível, como pode medir o seu bondoso mas severíssimo, pai. Naqueles velhos tempos era hábito dos médicos visitar seus clientes cavalgando animais de sua propriedade; condução rápida para a época e fácil de permanecer às portas dos doentes, entregando-se as rédeas do animal aos escravos da casa ou aos garotos da família que as seguravam até o fim da visita. Paulo se prestava com prontidão e alegria a este desencargo, mas, menino de fortes pendores para ser o turfman que foi, mal sumia-se o médico corredor a dentro para atender ao doente, o nosso Paulo salta-

va para a sela e ia fazer o seu galope pelas ruas da cidade. Apaixonado incontentavel do cavalgar, fugia-lhe o tempo e, ao voltar para casa, já encontrava no passeio, a espera do cavalo, o médico impaciente e o músico seu pai a esconder a cólera nas desculpas que apresentava pela falta do filho. Afastando-se o médico, seguia-se, então, uma boa sova que o maestro não transferia e não dispensava mesmo a pedido do próprio facultativo muitas vezes solícito em salvar do castigo o menino estimado. Na seguinte visita médica, invariavelmente, repetia-se o galope e repetia-se a sova.

O colégio São Luiz de Itu, sob a direção dos sábios e bondosos jesuitas, dos melhores educadores que temos tido, foi escolhido para a educação do menino. Matriculou-se com dez anos de idade, em 1881, no mesmo dia da matrícula do seu irmão Elias e pouco depois da matrícula de Paulo Maria de Lacerda, o grande jurisconsulto que elevou o nome de sua terra. Depois do curso preliminar, em 1883 já estava ele na primeira série, e com doze anos de idade entrava para a Arcádia Gregoriana, a academia de letras do colégio, na qual se houbreu com Paulo de Lacerda, Cesar Bierrenbach e Carlos Magalhães de Azeredo que seria membro da Academia Brasileira de Letras e embaixador brasileiro junto ao Vaticano. Este diplomata, cuja amizade Paulo Lobo conservou até o fim de sua vida, ainda exercendo a embaixada na corte pontifícia, relembrava ao colega antigo, seu tempo colegial, em formosa e amiga carta, exemplar magnífico da literatura epistolar de onde transcrevo estes trechos encantadores:

"Qual não seria o teu espanto, ao ler o meu nome por assinatura desta carta se teu irmão Antonio já não te houvesse prevenido do seu encontro comigo aqui, e do carinho sempre sincero e estranho, com que de ti lhe falei !... Assim acontece tantas vezes, e é esta uma das estranhezas da vida, que as tem as mil ... Correm anos, lustros, décadas, sem que, de dois amigos separados pelo destino, um de ao outro o mínimo sinal de lembrança. Uma circunstância fortuita, uma conversa, uma palavra,

"e o afeto, adormecido, mas não extinto, ressurge, com todo o seu cortejo de sentimentos e recordações".

"Gostei tanto de renovar, em palestra com teu irmão, aquele bom período da tua e minha adolescência. Quantas pessoas e cousas me passaram por diante dos olhos! Eles se humideram um pouco, talvez, e a voz tremeu, por instantes, de emoção. Mas a minha alma sentiu-se feliz, enquanto eu falava do meu antigo companheiro e amigo, revendo-o tal qual era junto a mim qual eu era também".

O curso do colégio foi feito em anos seguintes, com alguns prêmios e menções, deixando a Paulo Lobo sólida base cultural e gratíssima recordação que ele se comprazia em rememorar com as mais carinhosas referências aos padres de sua época finda em 1886 quando se submeteu aos primeiros exames de preparatórios em São Paulo.

Os estudos de direito fez ele ao alvorecer da república; anos agitados do período que se iniciou com o ocaso da monarquia e que teve sua maior crise na revolta da armada em setembro de 1893; período que vinha do Império nas últimas efervecências políticas e econômicas, estendeu-se pelo governo de Deodoro, agravou-se com o golpe de Estado de 3 de novembro de 91 levando à renúncia o Presidente da República, e marcou o governo de Floriano Peixoto conservado ilegalmente na presidência por decisão inconstitucional do Congresso Legislativo que entendeu assim, de forma única naquela contingência, consolidar o regime recém implantado no país.

Floriano mantido na presidência para completar o período governamental e desde que descontentamentos de correligionários no governo do seu antecessor já era visto por estes como a esperança para a estabilidade do novo regime, teve, especialmente de São Paulo, integral apoio nascido em convicções políticas das mais puras, vigilantes e ativas como se mediram naqueles dias de luta. Bernardino de Campos, presidindo o nosso Esta-

do, desde as primeiras horas da revolta de Custódio de Mello, multiplicou-se em cuidados de amparar o governo federal e contou com a opinião republicana paulista que deu ao seu presidente, cooperação de entusiasmo e de sangue. Nela se incluía a classe estudiosa já em 11 do mesmo mês, reunida no Clube Republicano onde se instituiu o Batalhão Acadêmico para a defesa do governo e no qual se inscreveu Paulo Lobo, seguro nas suas opiniões herdadas do pai republicano histórico e convencional de Itú.

Organizado o batalhão da Academia, fardado e municiado, fez ele parte da guarnição de Santos e da guarnição da fortaleza de São João no Rio de Janeiro. Nesta fortaleza coube a Paulo Lobo guarnecer, com demais praças, a única peça de artilharia entregue aos acadêmicos que tomava parte nos bombardeios cotidianos, para que assim até na guerra estivesse ele entre os mais ativos como esteve até o fim da revolta.

Sua vida de estudante se dividiu entre as Arcadas e o jornal com intervalos para comícios e agitações da classe, nos quais sempre tomava papel saliente. Em 1893, fazia parte do corpo redatorial do "Diário Popular" onde permaneceu até 1897, um ano depois de sua formatura, pois se havia bacharelado na turma de 96 com Fausto Ferraz, João Chaves, Pedro Arêves, Ataliba Leonel, Mário Tavares e outros que se destacaram no cenário brasileiro. Trabalhou ainda na "Platéia" com Araujo Guerra e na "A Nação" com Herculano de Freitas, seu grande amigo, genro do General Glicério e cujo grupo político juntaram-se os irmãos Lobos que, como advogados entendiam-se Antonio Lobo, o mais velho, bacharel em 1884, advogado em Campinas por mais de cinquenta anos, vereador, presidente da Câmara, Prefeito de Campinas, deputado estadual e presidente da Câmara dos Deputados, dedicadíssimo aos interesses do município e de rara envergadura moral; José Manuel Lobo, formado em 1886, grande orador e grande criminalista, deputado federal e secretário de Estado no governo Carlos de Campos; e Paulo Lobo que se aliou aos irmãos para a sua vida de advogado e de jornalista como escritor peregrino.

"A Cidade " jornal diário da direção de Alberto Faria, depois membro da Academia Brasileira de Letras, formava na imprensa honesta de Campinas. Nele foi Paulo Lobo primeiramente colaborador, depois secretário de redação e finalmente redator chefe, fazendo das aquelas colunas um manancial de joias da sua pena de jornalista que na época deixava extravasar seu sentir de moço, moço ainda na fase do sonho nimbado de romantismo, sentindo o vazio do celibato e ansiando por um lar seu e por um afeto constante e puro. Eram os pendores do coração bem formado que mesmo nas procelas do grande mundo chegam ao dia de almejar quem compartilhe de sua vida, sentindo extranhamente um vago descante de sua alma, um envolver de extases, um desabrochar de afetos, um anseio indistinto, incompreensível mas que se materializa mansamente, evoluindo para uma silhueta de mulher. Eis aí, quando nos dá Paulo Lobo, mostra da pujança do seu estilo, em confidências a Enzo Glimaldo, formosas confidências cheias de paixão e lirismo, repassadas da delicadeza de quem elegia as colunas do jornal relicário da harmonia dos acordes mais íntimos do seu coração. Dizia ele:

"Cumpro a promessa.

Em uma tarde roixa, bem me lembro, crepúsculo propício aos eflúvios da saudade, vi-a pela primeira vez; e então, sob o extranho, inesperado influxo do seu conspecto senti este contraste que ponho diante de ti, meu Grimaldo: - a natureza sombria emoldurada no poente esmaecido e mádido, quasi desfeito em sombras, emotival, indistinto, sugerindo melancolias - e a madrugada lúcida que aquela figura de creança resumia no fulgor imaterial de seus quinze anos, suaves como bençãos - inspirando deleites.

Três anos fazem que o ocaso roixo dessa tarde, em seguida noite estrelada, órfão do sol que é, viu pela primeira vez, a primogênita da luz, a aurora triunfal nos vivazes clarões do meu amor nascente.

Lembras-te, estou certo, dos meus queixumes de enfado, anceios de alma deserta de

"aspirações e ideais, que acreditavas serem visões e fantasias.

Não o eram.

Nessa tarde meus olhos viram na conformação líria daquela creança, meiga como promessas, aquilo que faltava ao ermo do meu espírito".

Logo a seguir, aquele coração moço e apaixonado, em rimas embevecidas, dizia do seu amor nas âncias da dúvida:

"Junja-se ao verso, em ritmo preclaro,
esta saudade desalentadora,
como exemplar de um orquidiário raro
a esses troncos d'arvore, senhora.
É a minha alma, crede, a minha pena
aqui feita merce do rir profano
das mesmas rimas que me vão da pena
- rude capricho de meu rude engano.
Pois, seja embora. A dúvida que resta
digo-vos já com precisão - é esta
- saber quem mais se ri neste descante:
se o poemeto, senhora, futil, breve
rindo da soledade que descreve,
se vós do meu afeto a todo o instante."

Mêses após, o enamorado fazia suas preces, transbordante o coração de felicidade e encantamento; não duvidava, exultava rememorando cuidados e bendizendo na poesia de suas palavras doces:

"Quando a Graça do Amor veio a mim,
trazida nos raios benignos de tuas
pupilas verdes, que são a minha luz,
o Espírito rebelde, inspirado na
descrença, pesou-me sobre as pálpebras
e cerrou-as.

Era o genio precito, senhora, infenso
aos fervores do culto, envolvendo-me em
seu cáos maligno para que que não visse
em teus olhares o batismo que purifica,
em teu primeiro sorriso a fé que salva.

"Mas, como a luz da Graça, irradiação divina, penetra os corações, impregnada de seus eflúvios, fugindo às tentações da ímpia dúvida, murmurou sua primeira prece e disse: "Benditos os teus olhos verdes, senhora, entre todos os olhos de mulher formosa".

"Os males do tempo conluiaram a ruína do teu servo, para que o desamasses e maldisseram dele.

A adversidade encarnou-se em forma feminina e compôz dessa matéria vultos de suave aspecto e assim surgiu diante de ti, deusa do meu culto.

Aí, à face de tua bondade ergueu o tribunal conjurador e como as falas femininas sabem a favos, toda a doçura de seu timbre verteu no pleito, articulando a minha indignidade.

E atribulada desse desconforto, no te mor da perdição iminente, minha alma murmurou sua prece e disse:

- Pequeninas, álvãs mãos de menina, que os atalhos prevenis e o condão haveis que os passos guia para a bemaventurança, álvãs mãosinhas, benditas sejais vós".

"A vida tem enganos, senhora, tem os céus para cobrir o seu azul de bonança tintas mais negras que a noute, mantos mais pesados que a maldição.

Um sopro só desta mortal miséria o brilho apaga de mil constelações.

Os arremessos da sua iníqua voragem turbilhonam; sente-se minha alma prestes a desprender-se da prisão de tuas cadeas,

"mas volvendo-se a^{ti}, balbucia sua prece e diz:

- Cabelos d'aureo fulgir, que venceis em carícia os setins mais raros e em perfume as corolas mais fragrantas, dai-me a curva desses aneis onde me prenda e benditos sejais vós.

E o gênio da descrença ao vosso afeto curva-se; vence os males do tempo a tua bondade; e os teus olhos verdes, tuas pequeninas mãos e os teus cabelos aureos, artigos de minha fé que são, o nosso amor defendem !

Bendita sejas tu".

Um ano depois estava casado com a meninas dos olhos verdes.

Na faina jornalística, ocupou-lhe a atenção a grande crise econômica causada pela baixa do café, quando se cogitou da queima deste produto, medida tantos anos mais tarde adotada mas que, então, evitou-se pela intervenção do governo Jorge Tibiriçá. Assuntos econômicos, interesses gerais do país, política internacional, política nacional e política municipal à qual se prendia solidário com o seu irmão Antonio que a dirigia com outros elementos de Campinas, foi digressoar de sua pena.

Mas a política, ao findar a primeira década do atual século, agitou-se grandemente em Campinas com casos que se desvalaram para as discussões de campo menos nobre a que descem ânimos exaltados e cegados por essa exaltação. Retrata Paulo Lobo esta época:

"Os homens assim assumem aspectos horríficos, tétricos, descoradas as faces, encova-

"dos os olhos, crispados os tecidos, eriça - dos os cabelos, lampejantes as pupilas sobres saltadas, como se fossem feras escapadas de jau las, após jejuns de dias longos e aguilhoados da cernelha aos quartos irriquietos.

Não se permuta mais uma idéa, não se ex - põe mais um plano, e não mais se firmam pon tos de amaráveis palestras que, de pronto, a assimilação da injúria não supere exitada, não desvirtue os raciocínios para retaliações que nos assoberbam, não tanto pela narrativa das patifarias alheias mas pela prodigiosa memó - ria com que se guardam, conservam e desenvol vem fatos e atos que põe em pânico reputações, não já de uma pessoa mas de uma geração".

E não deixava de haver mesmo portador de certa desenvoltura para retaliamento de dignidades e pa - ra deslustre da honrosa atividade da imprensa; chamava Zola de sapos esses artigos peçonhentos saídos de tais penas, como bem observava o meu patrono, referindo-se a certo panfletário:

"Em tudo que escreveu não ha um período que se libere da insânia, do ultrage, e da impureza".

Não faltava repulsa a esse denegrir de conceitos: um antigo promotor da Comarca, deu a lume vi brante libelo, rimado, em formosíssimos alexandrinos, in titulado "O Sapo" e Paulo Lobo que não foi poupado mes - mo na intangibilidade das suas qualidades pessoais, viu - se obrigado a enérgico rebate, famoso no seu tempo, nun ca respondido e que pôz termo à impropérios. Porque na polêmica era ele inegualavel pela sua pugnacidade e pela coragem com que enfrentava qualquer adversário; nunca deixava vantagem ao contendor, mas o confronto dos seus artigos com os contrários, das suas defesas pois não ini ciava a contenda mas se defendia com vigor, mostra a sua superioridade moral e intelectual e o desespero dos seus desafetos.

Como redator de jornal, suas atividades

decorreram dos primeiros anos deste século até 1915. Des de o interior da redação do jornal que dirigia, era ele quem comunicava vida com a sua transbordante atividade. Ausentando-se certa vez para o Rio, com alguma demora, teve o seu sobrinho, ainda o Pelágio, colaborador diário em um mês de suas férias acadêmicas, ocasião de lamentar a soledade e descrever o ambiente agitado das noites de confecção do jornal, quando presente o redator chefe:

"É que todos nos habituamos a passar numa fuga de pilhérias e de palestra no doce entono a que a camaradagem dá lanço, as rápidas horas em que os trabalhos da folha menos nos peçam por estarem já em seu meio. Então, debruçados sobre as quatro mesas da redação, e entre a fumaçada espessa e insolente dos "Castelões", instintivamente passamos em revista os fatos de monta do dia, envernizando-os muitas vezes de redículo para que eles escorreguem docilmente pela conversa, e não nos obriguem a discordâncias barulhentas a que está particularmente afeito por índole, por hábito, pelo exercício da tribuna judiciária e por exigências respeitáveis do aparelho vocal - o nosso redator.

Há as vezes debates formidáveis, há choques de idéias que chamam à porta os raros boquiabertos que transitam pelo largo, enquanto a sua verve aguda e penetrante esfusua e passeia pelas opiniões dando-lhes cor, transmitindo-lhes vida, pondo-lhes um sopro de alma e de alegria que faz com que elas brinquem nos diálogos com faceirices e pinotes de carnaval".

Porém, toda a sua exaltada atividade, toda a sua alegria, toda a facil exasperação, facil mas passageira, rapidamente esquecida, não privaram, antes impeliram Paulo Lobo a fazer das colunas da imprensa um extravasar constante do seu exuberante talento.

Conversador gracioso, em sociedade seu convívio atraia; falante de exposição fácil e cheia de espírito, superava nas rodas sociais com a força subtil de sua inteligência; vivo, animador, envolvia, contagiava, sempre eloquente, senhoril, imaginoso e vibrátil, dominando nos torneios da palestra, participou da vida elegante de Campinas naquela época em que a cultura a exalar francesismo cheio de graça, perfumava todos os encontros sociais mais requintados; naquela época em que o cultivo das letras se aprimorava distribuindo valiosas produções em prosa e verso; naquela época em que "A Cidade de Campinas", jornal de Paulo Lobo, dava aos leitores colaborações de Coelho Neto, Olavo Bilac, Silvio de Almeida, Mello Moraes Filho, Garcia Redondo, Visconde de Taunay, Felinto de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Amadeu Amaral, Freitas Guimarães, Vieira de Almeida, Basílio de Magalhães e outros luminares; naquela época em que a par de apreciados quartetos de câmara, ouviam-se grandes artistas do bel canto, conjuntos líricos em especial apreciados por Paulo Lobo que, sem conhecimentos teóricos da música, era, como filho de artista que lhe transmitiu o gosto, seu grande conhecedor; destacavam-se as reuniões literárias, as festas da poesia e das obras primas como a Pastoral de Coelho Neto e a encenação da Ceia dos Cardiaes na qual encanou o meu patrono, o Montmorency, mesureiro e galanteador a afirmar como tão bem lhe cabia na personalidade, que "enfim, o amor, pensando bem, não é só bravura, é o espírito também".

Mais tarde, já em dilatado caminhar da vida, compunha ainda Paulo Lobo, como patrono e sob o nome de Clodoveu, o grupo dos Monóculos e Lunetas, rapazes e moças da sociedade, reunidos para diversões de espírito. Foi para uma das suas tertúlias que ele, mestre também em outras línguas, verteu para o português "El Porco" de Trilussa, sem trair espírito e composição poética, como vamos ver:

"El Porco (Versão rimada por Clodoveu)

Um velho porco a umas Vacas disse:

- Vou a isto por termo,

"que aqui viver já é porca tolice
é vegetar num ermo.
Meto-me em roupa feita em alfaiate,
em gravata e botinas,
relógio d'ouro do melhor quilate
e lunetas bem finas.
E vou-me, assim, a moda p'ra cidade.
Aí, ó Vacas, vive o grande mundo,
aí há gente boa, ha sociedade.
Foi dito e feito: à noite, sem mais nada,
pilhava-se no chá de uma condessa
ou cousa que com isso se pareça,
feliz, como é um porco à madrugada ...
Foi bem notado: lépido, cortez,
entre as damas de escol saiu-se bem;
fez o seu "flirt" e, até falou francês.
Tocou, dansou, cantou ... e foi alem ...
Mas, logo após um tríduo,
Voltou o velho porco ao seu país,
Bé ! lhe mugiu em coro todo o gado,
assim tão pouco assíduo ?
Tão cedo ? A sociedade não te quiz,
ou fez-te a sociedade pouco agrado ?
Não, disse o Porco - é sã filosofia
de turista exigente.
Estava muito bem lá, mas enfadava
o pervertido ambiente
duma luxuria fria ...
A ver o mesmo vício, invariavelmente,
em toda a parte a mesma porcaria".

--

Deixando a direção do jornal, entregou-se Paulo Lobo inteiramente à sua advocacia até 1920 quando passou a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais de Campinas, sem contudo esquecer o jornalismo que continuou exercendo em apreciações dos fatos notórios da vida do país, de arte e de literatura e dos acontecimentos políticos em cujo campo, por toda a sua vida, manteve absoluta independência.

Dois fatos que me ocorrem, bem significam sua altivez: quando estudante, ocupou o cargo de ofi-

cial de gabinete em secretaria de Estado; discordando de certa orientação governamental, exprobou o governo, pela imprensa e em comícios nos quais foi orador, tudo sem receio de represália que foi, inevitavelmente, sua saída do cargo oficial. Durante a primeira guerra europeia, ao declarar o Brasil guerra a Alemanha, o povo de São Paulo empastelou o jornal alemão que se sediava à rua Líbero Badaró; dois dias depois um deputado federal visitava, na redação depredada, o redator e à saída da visita, o abraçou carinhosamente no passeio da rua. Choveram ataques ao deputado que afrontara a opinião pública e que não pôde assim, fugir à renúncia do mandato parlamentar; passados poucos meses o oficialismo apresentou o mesmo ex-deputado, candidato ao senado paulista o que também provocou protestos da imprensa livre integrada, neste passo, também por Paulo Lobo, em vibrantíssimos editoriais, embora estivesse ele filiado ao partido situacionista.

Um outro traço de elevação do seu caráter era a sua convicção religiosa sempre mantida e demonstrada com desassombro. No seu grande e boníssimo coração, vivia uma religiosidade profunda, fundamentada em sólido conhecimento doutrinário haurido na infância com os carinhos maternos, na adolescência com o zelo dos jezuítas e na mocidade com o exemplo paterno. Nunca o abandonou a sua crença, e para os embates da mocidade valia-se da proteção da Virgem Maria, rezando, mesmo nas mais equívocas situações da vida, invariavelmente em todos os dias de sua existência, uma ave-maria a Nossa Senhora como em tempo lhe aconselhara o pai, o fervorosíssimo e santo Maestro Elias Lobo.

Na idade provecta, aproximou-se mais da prática dos sacramentos e atos de piedade, da comunhão diária, da vigilha na Adoração Noturna na Igreja do Rosário, ora desaparecida e no antanho a cargo carinhoso de sacerdotes amigos Filhos do Coração de Maria. Na sua preferida tribuna, a imprensa, não deixou ele de se expressar à "Mater divinae gratiae" em formoso mês de maio, de cuja oração para aqui trago dois pequenos trechos:

"Em derramas de azul sem mancha o céu
esplende e os zéfiros, como custódios
da pureza cerúlea vão em avançada, de

"horizonte a horizonte, detendo nos extremos o cirrus mal humorado.

Brilham nos pulcros adornos do espaço garridices piedosas.

Hão de ser os pequenos querubins que adejam aos pés da Virgem, desgarrados de seus rútilos apogeus, espalmando as azas, pairando nas alturas, como sombras castas desse manto inviolado que cinge o corpo angusto da Mãe da divina graça. É o mês das suaves jaculatórias em que o rito dos cristãos tem mais poesia, mais beleza e fausto a liturgia.

Cada prece é um hino de amor, cada invocação um consolo; o perdão desce redimindo culpas do passado com promessas que confortam o animo para os males que hão de vir.

E sorriem nas galas dos sons, da cor e da luz dos altares que o fumo azul do incenso afigura suspensos e oscilantes nas ondas de espirais".

"Mas, diante de Maria, que é santa, e que é meiga, os filhos se confundem, sob o mesmo reflexo de seu olhar de Mãe: vão ao seu conspecto as creanças canoras como pajaros, envoltas nas mesmas flores da oferta, vamos também os que delinquimos, de rastos, aos pés da mesma Virgem Imaculada, cobertos de culpa.

Nas preces o mortal se eleva a par dos justos e as preces a Maria, os querubins que o digam, os ceus atendem."

A esta encantadora e poética página, não me caberia escusas si não juntasse dois formos trechos que em domingo de Ramos fez Paulo Lobo iluminar as suas letras com um sol radioso, astro rei que do seu brilho e realze se fez em treva na morte do Crucificado:

"A luz da manhã surgiu em fim de aurora mais pura, porque o sol desse dia,

" quando ergueu-se surpreendendo a natureza em frêmitos de luxúria, distendeu o seu veu sem nódoas, como se, feitura desse instante, escapasse das mãos divinas para luzir pela primeira vez ...

E iluminaram-se aquelas hortas, torrentes e colinas, serros, beatos sítios que o profeta predissera como cenários da paixão divina.

E o povo das cercânias, quando a luz se fez, penetrou os muros de Jerusalem, despertada para as festas do Templo".

E continua,

"O sol que as supremas promoções do gênio humano envaideceram e ilustraram, guindando ao sôlio entenebrecível de árbitro constelar, brilhou nas verdes palmas, refletiu nas torrentes de Siloam e no seio pedregoso do Cedrão, luziu nos pretórios de Pilatos, nas arcarias do Templo, nos salões devassos de Hanah, nas alcovas de Cláudia, nos mármore de Moriah e nas paredes do cenáculo !

Prateou os mares ermos, antes que a primeira quilha se colasse ao seu dorso; dardejou sobre os bosques inviolados e searas santas que bendiziam de seus raios".

"Esse mesmo que aclarou as eras de tirania e incesto em que o pecado nú e sadio habitava palácios de marfim e bebia em ânforas de ouro, fonte de luz inestinguível, à hora do Supremo Sacrifício, na inteira plenitude de seus revérberos desmaiou em síncope sensacional que as entranhas da terra perturbou e fendeu".

Em princípios do século foi Paulo Lobo convidado pelo General Glicério a mudar-se para o Rio, campo vasto para expandir sua inteligência primorosa; teria posição política como os irmãos, seria, profetizavam os amigos, membro da Academia Brasileira de Letras, ele que contava entre seus admiradores um Coelho Neto não só para o admirar mas ainda até para colecionar suas crônicas. Mas, o meu patrono se havia apegado à Campinas, recusou-se deixá-la para aqui viver por mais de trinta anos até o seu falecimento em 26 de junho de 1932.

Passou, assim, da Campinas que renasceria das cinzas das epidemias e das depressões da crise cafeeira; da Campinas pacata de ruas que se iluminavam com lampeões de gaz, que se agitavam com os bondinhos de tração animal, com os carros das famílias ricas, tirados por cavalos de raça, martelando bulhentos os paralelepipedos, com os carros de praça estacionados no largo da Matriz Velha, grandes, fechados e sacolejantes das suas vidraças; da Campinas das casas grandes e sobradões fidalgos, cheios de festas, de saraus animados pelas danças, pela música, pela poesia a cargo dos moços mais letrados, pelos jogos e brinquedos de salão, em ricos ambientes, muitos adornados de mobiliário vindo da França entre os Sèvres e porcelanas da Baviera ou de Viena ou de Capo di Monte, entre quadros de autores franceses ou dos retratos a óleo iluminados por refulgentes candelabros de cristal de Bacarat, tudo servido de iguarias e doces em brasonados limoges; passou dos tempos adversos e das suas grandezas remanescentes, ao renascer desta terra que ele tanto quiz, aqui vivendo sua vida e a dos seus, aqui erigindo o seu lar do qual foi chefe exemplaríssimo, aqui idolatrando seus filhos campinenses para se encantar mais tarde com os netos queridos.

(Sèvres)

Senhores, perdoem-se ter-vos dito eu, nesta noite, palavras minhas. Na messe florida da pena do meu patrono, caber-me-ia apenas aqui trazer a luz do seu verbo. E para a remissão que vos pedi de início, vou dizer-vos o que ele, como enamorado de Campinas, escreveu, luminoso e profético, sobre sua terra de adoção:

"Ilustre pátria das Artes, berço de

"varões assinalados, terra do bem e do trabalho que o culto exaltas da fecunda ceres, resurges que o sinto.

Os templos teus que abrigam a arca santa dos invencíveis dogmas apostólicos transbordam de fiéis, apascentados na cordura e na piedade.

De férteis granjas a estrela da germinação loureja os teus campos e nos teus serros, que ressaltam verdenegros do chão ubérrimos anosos cafesais alinhá, poderosos como um exército, pródigos como um seio de mãe. E a sua luz de eterna primavera, os teus hortos aromáticos enflora, compondo esses matizes raros que as rosas e os crisântemos purpuram.

A justiça dos teus tribunais, reta e sábia, ilumina-se por sob a venda simbólica que a viseira comprime, ampara os fracos e os fortes contem, solene como a ordem, soberana como o direito.

A vida que dissemina pelas tuas artérias robustas, os obreiros infatigáveis, domina triunfal em surto de harmonia e agitação como em colmeas; e nas seáras, nas forjas, nos prelos, nas mercâncias, nas escolas, nos laboratórios, servos e senhores, a luta fraterniza.

A infância, vergontea que se empalma vivente, vivaz e palreira, sabe a ciência dos números, mede o giro das estrelas, conjuga os verbos difíceis e conta segredos das plantas.

A juventude, preciosa prenda olímpica, resumo da suprema divindade, dá-te atletas, ó berços fortes na informatura, donairosa no semblante.

E se tua mocidade passou o estrangeiro, baronizada e futil, discutindo o esporte e domando hienas sensuais do bosque de Milita, agora a vês guiada por veredas de eficiente

"denodo, entendida de alfarrábios, forte no
amanho das terras, presa do amor, conqui-
tando ninhos ...

E os velhos teus, bondosos e pálidos,
alquebrados de membros e lúcidos de espíri-
to, deixam refletir na alvinitência das bar-
bas a candura virginal de seus costumes e
tem brilhos nos olhos que a nós inespertos
viajores os abismos denunciam.

Mansuetos, indulgentes não sabem mal -
dizer, não sabem condenar.

Floresces minha terra, que eu o sinto
e a tua ressurreição não confunde os guar-
das do túmulo, nem os apóstolos da tua gran-
deza sofrem martírios.

Berço egrégio, benfasejo e prolífico,
rica de imprensa e gás, de ferro carril e
liceus, desdobra teu manto roçagante e dei-
xa que o ar, a luz, as formas nuas da tua
grandeza banhem."

Campinas, 26- VII - 1957.